



# HARLAN COBEN

60 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

# NÃO FALE COM ESTRANHOS



*E se tudo em que você acreditava sobre  
sua família fosse mentira?*



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Em memória de meu primo  
Stephen Reiter  
E em celebração a seus filhos  
David, Samantha e Jason*

*Alma minha, prepara-te para a vinda do Estranho,  
Daquele que sabe fazer as perguntas certas.  
Há alguém que se lembra do caminho até teu portão.  
Da vida tu podes escapar. Da morte, não.*

*- T. S. Eliot*

# capítulo 1

O MUNDO DE ADAM PRICE não foi destruído imediatamente pelo que o estranho revelou.

Isso foi o que ele disse a si mesmo mais tarde. Mas era uma grande mentira. De alguma maneira, ele soube, logo após a primeira frase, que sua vida tranquila como pai de dois filhos nos subúrbios endinheirados de Nova Jersey havia acabado para sempre. Fora aparentemente uma frase banal, mas algo no tom de voz do sujeito, uma certeza misturada a uma espécie de solidariedade, bastara para convencê-lo de que nada mais seria igual dali em diante.

– Você não precisava ter ficado com ela – foi o que disse o sujeito.

Eles estavam no bar do American Legion Hall de Cedarfield, uma cidadezinha nas imediações de Jersey City, com uma ampla densidade demográfica de banqueiros, gestores de fundos e outras criaturas igualmente titânicas do mundo das finanças. Esses homens gostavam de tomar cerveja exatamente naquele bar, pois ali podiam se misturar confortavelmente aos simples mortais e fingir que faziam parte da galera. Nada mais longe da verdade.

Adam estava junto ao balcão pegajoso, próximo ao alvo de dardos. Letreiros em néon faziam propaganda da Miller Lite, mas ele segurava uma garrafa de Budweiser com a mão direita. Virou-se para trás assim que ouviu a frase do estranho e, mesmo sabendo a resposta, perguntou:

– Está falando comigo?

O sujeito era mais jovem do que a maioria dos pais que ali estavam, bem mais magro também, quase esquelético. Os olhos eram azuis, grandes e incisivos; os braços eram finos e muito brancos, uma tatuagem escapando de uma das mangas da camiseta. Na cabeça, um boné de beisebol. Não era exatamente um hipster, mas por algum motivo lembrava um desses especialistas que sabem tudo de determinado assunto e não falam de outra coisa, um técnico que dificilmente troca a companhia do computador pela luz do sol.

Ele agora plantava os olhos grandes e incisivos sobre Adam, desconcertando-o com a seriedade deles, por pouco não o obrigando a virar o rosto.

– Ela disse que estava grávida, não disse? – indagou o sujeito, e Adam

apertou os dedos na garrafa de cerveja. – Foi por isso que você ficou com ela. Corinne disse que estava grávida.

Foi aí que Adam teve a impressão de que algum botão fora apertado em seu peito, fazendo disparar o contador digital de uma bomba imaginária. Agora não havia mais como interromper a contagem regressiva que ia comendo os segundos até o fatídico zero final: *tic, tic, tic...*

– Eu conheço você? – perguntou Adam.

– Ela disse que estava grávida, não disse? – insistiu o estranho. – Corinne falou que tinha engravidado e depois perdido o bebê.

Naquele dia seriam anunciadas as convocações dos alunos de 10 a 12 anos para as equipes principais de lacrosse, por isso o bar do American Legion estava apinhado de pais embrulhados em camisetas brancas de beisebol e bermudas cargo ou calças jeans murchas no traseiro. Muitos usavam também um boné de beisebol.

– Você se sentiu obrigado a ficar, não foi? – perguntou o sujeito.

– Não faço a menor ideia do que você está...

– Ela mentiu – afirmou o estranho, convicto, mas era como se seu único interesse fosse o bem de Adam. – Corinne inventou essa história toda. Ela não estava grávida.

As palavras chegavam até Adam como murros de um pugilista, atordoando-o, debilitando-o, deixando-o trêmulo e zozzo, pronto para receber do árbitro a contagem protetora dos oito segundos. Sua vontade era reagir, esmurrar o filho da puta por ter ofendido sua mulher daquela maneira, agarrá-lo pela camisa e arremessá-lo para o outro lado do salão. Mas não foi o que fez.

Por dois motivos: primeiro, como já foi dito, ele estava atordoado, debilitado, trêmulo e zozzo com o que acabara de ouvir; segundo, algo no modo como o sujeito falava, a certeza com que afirmava tudo aquilo, sugeria que talvez continuar a ouvi-lo fosse a coisa mais inteligente a fazer.

– Quem é você? – perguntou Adam.

– Isso faz alguma diferença?

– Faz.

– Sou apenas alguém que sabe algo importante. Ela mentiu pra você, Adam. Corinne nunca esteve grávida. Tudo não passou de uma armadilha pra trazer você de volta.

Adam balançou a cabeça. Procurou organizar as ideias, manter a calma e a lucidez.

- Eu vi o resultado do teste de gravidez.
- Falsificado.
- Vi a ultrassonografia.
- Falsificada.

Antes que Adam dissesse qualquer outra coisa, o desconhecido ergueu a mão para interrompê-lo.

- E a barriga também era falsa. Ou melhor, as barrigas. Depois que Corinne começou o show, você nunca mais voltou a vê-la nua, não foi? Ela fazia o quê? Ficava sempre enjoada de noite pra evitar o sexo? É isso que acontece na maioria das vezes. Então, quando aconteceu o aborto, você juntou as peças e concluiu que se tratava de uma gravidez difícil desde o início.

Do outro lado do salão, uma voz retumbante anunciou:

- Vamos lá, rapazes. Peguem uma cerveja gelada e vamos dar início aos trabalhos!

A voz pertencia a Tripp Evans, presidente da liga de lacrosse, ex-publitério de uma mega-agência na Madison Avenue. Um grande sujeito. Os outros pais começaram a desempilhar as cadeiras de alumínio, dessas que estão sempre presentes em eventos escolares, e arrumá-las num círculo no centro do salão. Tripp Evans olhou para Adam e ficou visivelmente preocupado ao vê-lo tão pálido. Adam tranquilizou-o com um sinal qualquer, depois voltou sua atenção para o desconhecido.

- Quem é você, afinal?
- Digamos que eu seja o seu salvador. Ou um amigo que acabou de libertá-lo da prisão.
- Você não diz coisa com coisa.

A essa altura, as conversas no salão já haviam praticamente encerrado, dando lugar aos últimos cochichos e ao arrastar metálico das cadeiras no chão. Os pais já começavam a se concentrar para o “jogo” que estava prestes a começar. Adam detestava aquilo tudo. Nem deveria estar ali. Era Corinne quem sempre se ocupava dessas coisas. Ela era a tesoureira do conselho de lacrosse, mas a escola havia alterado o dia de sua apresentação no congresso de professores de Atlantic City, e, embora aquela fosse uma das datas mais importantes do calendário esportivo de Cedarfield (motivo pelo qual ela havia se envolvido tanto com a coisa toda), restara-lhe implorar para que ele fosse em seu lugar.

- Você devia me agradecer - disse o desconhecido.

– Do que você está falando?

Pela primeira vez o sujeito sorriu. Um sorriso gentil, Adam não pôde deixar de notar. O sorriso de um guru, de um homem que queria apenas fazer a coisa certa.

– Você agora é um homem livre.

– E você é um grande mentiroso.

– Você sabe muito bem que não estou mentindo.

Do outro lado do salão, Tripp Adams chamou:

– Adam!

Virando o rosto, constatou que todos já estavam sentados, menos ele e o estranho.

– Agora preciso ir – sussurrou o sujeito. – Mas se você fizer questão de uma prova, procure por um débito em nome de Novelty Funsy na fatura do seu cartão de crédito.

– Espere aí...

– Mais uma coisa. – O desconhecido se aproximou para dizer: – No seu lugar eu provavelmente faria um teste de DNA com seus dois garotos.

*Tic, tic, tic... buuum!*

– O quê?

– Não tenho nenhuma prova quanto a isso, mas quando uma mulher conta uma mentira dessas, bem... é provável que já tenha mentido antes.

Adam ainda não havia se recuperado desse golpe final quando o estranho cruzou a porta do salão e saiu.

## capítulo 2

**A**SSIM QUE CONSEGUIU RECUPERAR o controle das pernas, Adam correu atrás do homem.

Tarde demais.

Ele já se acomodava no banco do passageiro de um Honda Accord cinza. O carro arrancou, e Adam tentou alcançá-lo, na esperança de ao menos conseguir ler a placa, mas só pôde ver que o veículo era de Nova Jersey. Porém notou outra coisa quando o Honda fez a curva para sair do estacionamento.

Era uma mulher quem estava ao volante.

Uma mulher jovem, com cabelos louros e compridos. Ela parecia encará-lo de longe com uma expressão de piedade no rosto.

O carro sumiu de vista. Alguém chamou por Adam. Ele deu meia-volta e entrou.

Então foram iniciadas as convocações para as equipes fixas.

Adam tentou prestar atenção, mas era como se as palavras o alcançassem depois de terem ultrapassado uma cortina de fumaça. Corinne havia facilitado bastante as coisas para ele, listando todos os garotos que haviam participado das eliminatórias da equipe do sexto ano; portanto bastava escolher entre aqueles que tivessem as melhores notas. Mas o principal – o verdadeiro motivo de sua presença ali – era garantir que Ryan, o filho deles, fosse escolhido para uma das equipes itinerantes. Thomas, o primogênito, que agora cursava o segundo ano do ensino médio, havia ficado de fora da equipe principal quando tinha a idade de Ryan porque “os pais não estavam envolvidos o bastante”, como Adam e Corinne haviam pensado na época. Em sua grande maioria, aqueles pais estavam ali não porque gostavam do esporte, mas sobretudo porque precisavam defender os interesses dos filhos.

Inclusive Adam. Patético, mas... fazer o quê?

Ele tentou apagar da cabeça o que acabara de ouvir (afinal, quem era aquele sujeito?), mas foi em vão. Mal conseguia ler o que estava escrito nos “relatórios de escalação” preparados pela mulher. Corinne era extremamente organizada, de uma forma quase patológica, a ponto de listar os garotos segundo seus próprios critérios de avaliação, do melhor ao pior.

Em gestos automáticos ele ia riscando dessa lista o nome de cada garoto convocado. Ficava admirado com a caligrafia da mulher, praticamente uma reprodução exata das letras perfeitas ensinadas nos livros de alfabetização. Assim era Corinne: a garota que chegava à sala de aula dizendo que não sabia nada, depois era a primeira a entregar a prova e ainda por cima tirava a nota máxima. Inteligente, determinada, linda e...

Mentirosa?

– Agora vamos para as equipes itinerantes, pessoal – anunciou Tripp.

Cadeiras se arrastaram novamente. Ainda atordoado, Adam se juntou à roda dos quatro homens responsáveis pela escalação das equipes itinerantes A e B, as que realmente contavam. As equipes fixas permaneciam em casa, e as itinerantes, para as quais iam os melhores jogadores, defendiam Cedarfield nos diversos campeonatos estado afora.

“Novelty Funsy...”, pensou Adam. “Por que será que esse nome não me é estranho?”

O técnico principal das equipes do sexto ano era um sujeito chamado Bob Baime, mas Adam sempre pensava nele como um personagem de desenho animado, mais especificamente como o Gaston de *A Bela e a Fera*. O sujeito era um armário de tão forte e tinha um sorriso tão radiante que chegava a irritar. Bob era falante, Bob era marrento, Bob era uma mula, Bob era um cara mau. Andava de lá para cá com o peito estufado e os braços balançando rente aos flancos, e era como se a trilha sonora do desenho tocasse em algum lugar sempre que ele passava: “Não há igual a Gaston nem melhor que Gaston...”

“Tire isso da cabeça”, disse Adam a si mesmo. “Aquele sujeito só estava brincando com você...”

A escalação não deveria levar mais do que alguns minutos. Cada um dos garotos recebia uma nota de um a dez nas diversas categorias (velocidade, força, habilidade com o taco, precisão nos passes, etc.). Em seguida era computada a média das notas. Em tese bastava formar a equipe A com as dezoito melhores notas e a equipe B com as dezoito seguintes. Os demais estavam eliminados. Simples assim. O problema era que todos os pais ali presentes queriam ver os filhos nos times dos quais eles próprios eram técnicos assistentes.

Ok.

Começou a distribuição de notas. As coisas aconteceram rapidamente até que chegou o momento de definir a última vaga da equipe B.

– Essa vaga é do Jimmy Hoch – sentenciou Bob Baime/Gaston.  
Bob não falava apenas: geralmente “sentenciava”.

Um dos técnicos assistentes, um sujeito pacato de cujo nome Adam não se lembrava, interveio:

– Mas Jack e Logan tiveram notas melhores que ele.

– Eu sei – sentenciou Gaston. – Mas conheço esse garoto. Jimmy Hoch joga melhor que os outros dois. Não foi muito bem nas seletivas, só isso.

Ele tossiu na mão cerrada, depois prosseguiu:

– Além disso, ele teve um ano difícil. Os pais se divorciaram, coisa e tal. Acho que a gente devia dar uma chance pra ele. Portanto, se ninguém tiver nada contra...

Ele começou a escrever o nome de Jimmy.

Adam ouviu a si mesmo dizer:

– Eu tenho.

Todos se viraram para encará-lo.

Apontando o queixo furado na direção dele, Gaston disse:

– Como é que é?

– Não acho certo – disse Adam. – Jack e Logan tiveram notas melhores. Qual dos dois teve a maior?

– Logan – respondeu um dos assistentes.

Adam correu os olhos pela lista.

– Isso mesmo. Bem, então a vaga é dele.

Os assistentes arregalaram os olhos. Gaston não estava acostumado a ser contrariado. Inclinando-se para a frente, disse:

– Desculpe, companheiro, não quero ser grosseiro, mas você só está aqui porque sua mulher não pôde vir. – À palavra “mulher” ele discretamente acrescentou uma pitada de ironia, como se fazer algo no lugar da esposa não fosse coisa de macho. – Nem técnico assistente você é.

– Tem razão – concordou Adam. – Mas sou capaz de ler números, Bob. A nota final do Logan foi 6,7. A do Jimmy foi 6,4. Mesmo na matemática moderna, 6,7 é maior do que 6,4. Posso fazer um desenho se você não tiver entendido.

Gaston não estava gostando do sarcasmo.

– Mas como acabei de explicar – disse ele –, precisamos levar em conta as circunstâncias.

– O divórcio dos pais?

– Exatamente.

Adam virou-se para os técnicos assistentes, que no mesmo instante encontraram algo interessantíssimo para olhar no chão.

– Nesse caso... você sabe quais são as circunstâncias familiares do Jack e do Logan?

– Sei que os pais estão juntos.

– Então agora isso é um fator decisivo? – perguntou Adam. – Você tem um ótimo casamento, não tem, Gast... – Foi por pouco. – Bob?

– O quê?

– Você e a Melanie. Vocês dois são o casal mais feliz da cidade, certo?

Melanie era uma lourinha baixinha e espevitada, e piscava os olhos como se tivesse levado um tapa na cara. Gaston adorava apalpar o traseiro da mulher em público, não como uma demonstração de afeto, tampouco de desejo, mas apenas para deixar claro que ali estava uma propriedade sua. Recostando-se novamente na cadeira, ele escolheu as palavras antes de dizer:

– Temos um bom casamento, sim, mas...

– Nesse caso, o correto seria subtrair pelo menos meio ponto da nota do seu próprio filho, certo? Então, vejamos: a nota de Bob Junior cairia para... 6,3. Equipe B. Quer dizer, se vamos aumentar a nota do Jimmy porque os pais estão com problemas no casamento, deveríamos diminuir a nota do seu filho já que você e Melanie têm um casamento perfeito. Concorda comigo?

– Adam, você está bem? – perguntou um dos assistentes.

Adam virou-se na direção do homem.

– Estou ótimo – disse, ao mesmo tempo que pensava: “Corinne inventou aquela história toda. Nunca esteve grávida.”

Em seguida voltou o rosto para o técnico grandalhão, e os dois se entreolharam. “E aí, vai encarar?” Adam estava pronto para a briga. Sobretudo naquela noite. Sabia que Gaston era um pit bull que ladrava muito mais do que mordida. Podia ver que Tripp Evans acompanhava a cena com uma expressão de espanto no rosto.

– Isto aqui não é um tribunal de justiça – disse Gaston entre dentes. – Você está pisando na bola.

Fazia quatro meses que Adam não punha os pés num tribunal, mas isso não o impediria de corrigir o pit bull:

– Estas avaliações estão aqui por um motivo, Bob.

– E nós também – devolveu Gaston, correndo a mão pela cabeleira negra. – Como técnicos. Como pessoas que vêm observando esses moleques

durante anos. A palavra final é nossa. Ou melhor, a palavra final é do técnico principal, que por acaso sou eu. Jimmy tem uma atitude excelente, e isso também conta. Não somos computadores. Usamos todas as ferramentas a nosso dispor pra selecionar entre os garotos aqueles que merecem mais. – Ele espalmou as mãos enormes, como se quisesse trazer Adam de volta para o rebanho. – Poxa, cara, estamos falando da última vaga pra equipe B. Nem é tão importante assim.

– Aposto que para o Logan é.

– Sou o técnico principal. A decisão é minha.

O grupo de pais começou a se dispersar, alguns se preparando para sair. Adam abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas depois pensou: “Pra quê?” Jamais venceria aquela briga que nem ele mesmo sabia ao certo por que havia comprado. Sequer conhecia o tal Logan. Tudo aquilo não havia passado de um subterfúgio para afastar da cabeça a confusão que o desconhecido havia instalado ali. E só. Ele sabia disso. Então se levantou também.

– Aonde você está indo? – perguntou Gaston, projetando o queixo como se estivesse pedindo um murro.

– Ryan está na equipe A, não está?

– Está.

Era para isso que Adam estava ali: para interceder a favor do filho se fosse preciso. O resto era o resto.

– Boa noite pra todo mundo – disse ele, voltando para o balcão pegajoso do bar.

Naquela noite era Len Gilman quem fazia as vezes de barman. Len era o delegado da cidade, e por isso gostava dessa ocupação: só assim podia controlar o número de motoristas bêbados após a reunião. Adam meneou a cabeça para o homem, pegou com ele mais uma Budweiser e destampou a garrafa com visível furor. Não demorou para que Tripp Evans passasse a seu lado. Len passou-lhe uma Budweiser também. Após um rápido brinde, eles ficaram bebendo em silêncio enquanto o grupo se desfazia. Ouviam-se despedidas aqui e ali. De repente, Gaston se levantou de modo dramático (drama era o seu forte) e lançou um olhar fulminante na direção de Adam, que ergueu a garrafa como se lhe desejasse saúde. O técnico saiu esbravejando porta afora.

– Fazendo amizades? – perguntou Tripp.

– Sou um cara agregador – disse Adam.

- Você sabe que ele é vice-presidente do conselho, não sabe?
- Da próxima vez vou me lembrar de me ajoelhar diante dele.
- E eu sou o presidente.
- Xiii... Acho que vou ter de comprar uma joelheira.

Tripp riu, depois disse:

- Bob está passando por um momento difícil.
- Bob é um babaca.
- Também acho. Sabe por que eu continuo sendo presidente?
- Porque isso te ajuda a pegar mulher?
- Isso também. Mas se eu sair... é ele quem assume o meu lugar.
- Putz. - Adam pôs sua garrafa no balcão. - Preciso ir.
- Ele está desempregado.
- Ele quem?
- O Bob. Faz um ano que perdeu o emprego.
- Sinto muito. Mas isso não é desculpa.
- Não falei que era. Só queria que você soubesse.
- Entendi - disse Adam.

- Pois então - prosseguiu Tripp. - O Bob está com um head hunter, ajudando-o a encontrar alguma coisa. Um head hunter conhecido, um cara importante.

- E?
- E esse cara está ajudando o Bob a encontrar emprego.
- Foi o que você disse.
- O nome dele é Jim Hoch.

Adam arregalou os olhos.

- *Jim Hoch?* Tipo... pai do Jimmy Hoch?

Tripp não disse nada.

- Então é por isso que ele quer o garoto no time?

- Claro. Ou você acha que pro Bob faz alguma diferença se os pais do moleque estão se separando ou não?

Adam balançou a cabeça, depois disse:

- E você acha isso certo?

Tripp deu de ombros e respondeu:

- Ninguém aqui é santo. Um pai que se envolve na vida esportiva do filho é como uma leoa que quer proteger o filhote. Às vezes escalam um garoto só porque é seu vizinho. Ou porque tem uma mãe gostosa que aparece nos jogos com um vestidinho justo.

– Está falando por experiência própria, não está?

– *Mea culpa*. E às vezes escalam alguém só porque o pai do garoto pode descolar um emprego. Parece um motivo melhor que os outros.

– Caramba. É muito cinismo pra um publicitário só.

Tripp riu e disse:

– É, eu sei. Mas o negócio é o seguinte: até onde a gente está disposto a ir pra proteger a nossa família? Você nunca fez mal a ninguém, eu também não. Mas se alguém estiver ameaçando a nossa família, se for pra proteger os nossos filhos...

– A gente mata?

– Dê uma olhada à sua volta, companheiro – disse Tripp, abrindo os braços. – Esta cidade, essas escolas, esses garotos, essas famílias... Quando paro pra pensar, mal posso acreditar na sorte que a gente tem. Uma vida de sonho. A vida que todo mundo pediu a Deus, entende?

Adam entendia – até certo ponto. Para poder bancar aquela vida de sonho ele havia passado de defensor público mal remunerado a especialista em direito imobiliário superremunerado, mas volta e meia se perguntava se aquilo tudo valia a pena.

– E por que o Logan tem que pagar o pato? – perguntou ele.

– Desde quando a vida é justa? – retrucou Tripp. – Olha, já tive como cliente uma grande montadora de automóveis. Sim, você sabe qual. E sim, você leu nos jornais recentemente que eles encobriram um problema com a coluna de direção de determinado modelo. Muita gente se machucou ou morreu em acidentes por causa disso. Mas os caras da montadora... eram caras legais, sabe? Pessoas normais. Então como foi que deixaram uma coisa dessas acontecer? Como foram capazes de calcular a porra de um custo-benefício qualquer e deixar que pessoas morressem por conta disso?

A essa altura Adam já sabia muito bem onde Tripp queria chegar com aquela argumentação, mas não se importava: com Tripp a viagem era sempre agradável.

– Porque são uns filhos da puta?

Tripp franziu o cenho.

– Você sabe que não é assim. É a mesma coisa com o pessoal que trabalha na indústria tabagista. Será que são todos uns filhos da puta também? E esses padres que volta e meia encobrem algum escândalo na paróquia? Ou, sei lá, esse pessoal que polui os rios? São filhos da puta também?

Esse era o Tripp: um paizão suburbano que discursava como filósofo.

– Não são? – devolveu Adam.

– Tudo é uma questão de perspectiva, meu amigo – respondeu Tripp, sorrindo. Tirou o boné e ajeitou os poucos cabelos que ainda restavam, depois recolocou-o na cabeça. – Nós, seres humanos, nunca vemos as coisas com imparcialidade. Sempre procuramos proteger os nossos próprios interesses.

– Tem uma coisa em comum em todos esses exemplos que você citou – disse Adam.

– O quê?

– Dinheiro.

– Ah, o dinheiro. O pai de todos os males.

Adam lembrou-se mais uma vez do desconhecido. Em seguida pensou nos dois filhos que naquele momento o esperavam em casa, provavelmente fazendo a lição da escola ou jogando videogame. Por fim pensou na mulher que estava num congresso de professores em Atlantic City.

– Nem todos – disse ele.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)